

Safa A. Abou Chahla Jubran*

RESUMO: *O presente trabalho consiste em trazer à tona a questão de diglossia existente no Mundo Árabe, revisar as teorias mais relevantes a respeito do assunto além de tentar verificar se o termo diglossia é o mais adequado para a situação lingüística encontrada no Mundo Árabe.*

Palavras-chave: *Lingüística; Árabe; Diglossia; Língua.*

Antes de abordar a questão da diglossia na língua árabe, seria necessário fazer referência ao termo tal como concebido e definido por quem o popularizou dentro dos estudos lingüísticos: Charles Ferguson, que foi o primeiro a usá-lo num artigo de 1950, sob o título do mesmo nome, ao se referir à situação lingüística do árabe. Ferguson observou que, nas comunidades onde o fenômeno se manifesta, duas formas lingüísticas coexistem: uma modalidade “elevada”, prestigiada, e outra “baixa”, sem nenhum *status* social; ambas convivem lado a lado, porém em contextos diferentes, ou seja, estão sempre em distribuição complementar. Nesse sentido, *grosso modo*, a versão “elevada” é reservada aos discursos literários, e a “baixa”, às conversações comuns. Ferguson observou, ademais, que as duas formas apresentam grande proximidade, o que faz da diglossia algo diferente do bilingüis-

(*) Professora do Curso de Língua e Literatura Árabe da FFLCH/USP.

mo. O estudioso ressaltou que o próprio falante tem uma concepção muito definida das duas formas; assim, o falante do árabe considera “correta e pura” a forma “elevada”, e corrumpelas todos os dialetos. Ressalve-se, contudo, que o próprio Ferguson, em artigo posterior, revê certas considerações e relativiza algumas posições tomadas anteriormente. Seja como for, é importante frisar que, desde então, muito se escreveu sobre este fenômeno que, em muitos aspectos, é efetivamente controverso.

Contudo, antes de examinar se o termo diglossia ainda é adequado para descrever situação lingüística existente de Mundo Árabe, impõe-se revisitar a própria história dessa língua. É de conhecimento comum que o árabe foi decodificado de forma sistemática apenas no séc. VIII d.C. Desde então, o Alcorão e a poesia pré-islâmica¹ passaram a constituir o modelo ideal da língua escrita. Desde o advento da nova religião, o islamismo, o árabe ocupa entre seus falantes uma posição do mais alto apreço. Note-se, entretanto, que o interesse em decodificar essa língua e seu sistema de escrita foi motivado não só pelo desejo dos conquistadores árabes de ensinar sua língua aos novos adeptos da religião muçulmana, mas também da necessidade de preservar a língua que começara a ser falada em terras estrangeiras e por estrangeiros. Na literatura que trata da história da língua árabe, encontram-se comentários a respeito do “conservadorismo” e imutabilidade dessa língua. Costuma-se dizer que, depois da sistematização, sua morfologia e sintaxe não sofreram quase nenhuma mudança, o que não foi a sorte do léxico, que passou por

⁽¹⁾ É um grupo de poemas (odes) que chegaram até nós do período pré-islâmico conhecidos como *Mu^çallaqât* (“as penduradas”), nome esse, a elas conferido, por se tratarem de poemas que participavam de feiras literárias, comuns à época, e as que ganhavam eram escritas sobre panos grandes e esses pendurados nas laterais da *Ka^çba*, um templo onde se guardavam os deuses pagãos de então, e que, posteriormente, se tornou o símbolo máximo do Islamismo. Esses poemas foram o ponto de partida praticamente de qualquer estudo que tente reconstituir a situação lingüística do árabe daquela época e naquela religião, como se constatará mais adiante.

muitas transformações. De certa forma, isso é óbvio e compreensível em virtude da grande extensão territorial do Império Muçulmano, que teve e manteve contatos com diversos povos, culturas e línguas. A riqueza e também a transformação do léxico se devem a outro aspecto importante: não se pode esquecer que o árabe foi a língua do discurso científico num momento áureo da história da civilização muçulmana, enquanto a Europa mergulhava em sua Idade Média, dita escura e obscura. Esse momento prodigioso da história conferiu à língua árabe uma aura ímpar, talvez compartilhada, em dois momentos diferentes, por apenas duas outras línguas: o aramaico da época bíblica e o inglês de hoje. Comenta-se, então, que esta língua, desde de sua sistematização até nossos dias, não passou por grandes mudanças morfológicas ou sintáticas, enquanto se assistia a uma franca e ininterrupta evolução das formas dialetais existentes no Mundo Árabe, porém sem nenhuma pretensão de se tornarem formas-padrão, pelo menos até o momento.

Para tentarmos compreender o contexto em que a diglossia se insere, é necessário, mais uma vez, recorrermos ao passado, e tentarmos reconstituir o cenário lingüístico das regiões localizadas fora da Península Arábica no período que antecede a conquista e a conseqüente arabização dessas localidades. A situação lingüística nas regiões do Oriente Médio, sobretudo no Egito, na Mesopotâmia e no Levante, não era menos complexa do que a verificada na Península antes e durante os primeiros anos da islamização.

No Egito, a língua comum era uma variante do copta, que por sua vez era um descendente direto da língua dos faraós. O copta era utilizado como língua litúrgica pela Igreja Cristã Egípcia. A cultura helênica também estava presente no Egito, parte do Império Bizantino desde a conquista da região por Alexandre o Grande, o que significa que o grego não era apenas a língua da administração, mas que existiam também populações no Egito falando o grego na época da islamização.

No Levante, a situação era igualmente complexa: os judeus falavam aramaico, então sua primeira língua, mas lançavam mão do hebraico como língua litúrgica. Algumas comunidades cristãs falavam siríaco – uma variante do aramaico –, que servia para fins religiosos e literários, ao lado de outras variantes do aramaico. O grego permanecia como língua da administração. Nas regiões desérticas onde se localizam os atuais desertos do Sinai, no Egito, e de Neguev, em Israel, além da região do Golan, na Síria, os Ghassânidas falavam o árabe.

Na Mesopotâmia, o pahlawi² era a língua falada e administrativa; o hebraico, língua litúrgica dos judeus; o aramaico, falado por uma fração da população; o siríaco, língua litúrgica dos cristãos; além do próprio árabe – falado pelos árabes que, segundo a história, costumavam se infiltrar pelas divisas de ambos os impérios, o bizantino e persa, a partir da Península Arábica.

Esse pequeno resumo talvez dê uma idéia do caldeirão lingüístico estabelecido na região nos primeiros anos da islamização. Os conquistadores trouxeram sua língua, o árabe, a qual, além de veículo de comunicação, tinha ainda e especialmente um caráter sagrado, por ser a língua na qual o Alcorão foi revelado. Contatos lingüísticos ocorreram, assimilações e adaptações. Simultaneamente ao crescimento do Império Muçulmano, expandiu-se o árabe alcorânico como língua administrativa que se tornaria oficial e padrão: é assim, pelo menos, que os livros registram o momento de islamização das terras conquistadas e de arabização dos povos subjugados. Mas essas informações enciclopédicas não satisfazem, pois se tentarmos, em nossa imaginação, nos afastar um pouco do palácios e do poder administrativo, e descermos aos mercados e campos de batalha, ou seguirmos as rotas comerciais, poderemos conjecturar que a situação lingüística nesses ambientes não era nada padronizada e nem poderia

⁽²⁾ Ancestral do Persa moderno.

ter sido, haja vista a diversidade populacional e conseqüentemente lingüística das pessoas envolvidas nesse ambiente.

Hoje, ninguém nega o fato de existirem duas variantes lingüísticas, uma considerada dialetal, diferente para cada país ou região, e uma padrão, oficial e única a todos os países ou regiões. O que se questiona e discute, ainda hoje, se tal fato caracteriza o árabe posterior à expansão ou se suas raízes estão fincadas num passado mais remoto e anterior ao próprio período de islamização. Caso seja assim, como e quando ocorreram as mudanças? E tais mudanças teriam resultado nos dialetos atuais, ou esses preexistiam ao Islão?

Vários estudiosos tentaram isolar, discriminar e estudar os diversos “substratos”, verificáveis desde os primeiros registros; formularam hipóteses, teorias e conjecturas sobre o período anterior a esses registros, a fim de responder às indagações feitas acima. Por mais controversas que sejam, todas sugerem, com maior ou menor intensidade, que a situação diglótica é um fato anterior à expansão do Império Muçulmano. Dentre as várias teorias e hipóteses postuladas na trajetória de reconstituição histórica da língua árabe, destacamos as de Corriente, de Versteegh, de Zwettler, de Ferguson e de Ziadeh, não sem antes referir os termos que eventualmente possam aparecer nas discussões abaixo. Esses termos devem ser entendidos segundo as seguintes definições:

a) *Língua Poética* (Coiné I) – língua “escrita” da época do profeta e do período anterior ao Islamismo;

b) *Árabe Falado Antigo* – termo usado para designar os dialetos das tribos na Península Arábica pré-islâmica;

c) *Árabe Antigo* – uma mescla do Árabe Poético e Árabe Falado Antigo (a + b);

d) *Árabe* (*al-^cArabiyyah*) – língua da poesia, da administração, dos discursos científicos e religiosos do Mundo Muçulmano, que foi se estabelecendo após a expansão;

e) *Árabe Médio Escrito* – o árabe da Idade Média, escrito por não-muçulmanos, apresentando vários “erros” gramaticais relativamente ao padrão da *‘Arabiyyah*;

f) *Árabe Médio Falado* – os dialetos falados durante a Idade Média;

g) *Árabe Novo Falado* – os dialetos da nossa época, utilizados nos discursos espontâneos ou informais;

h) *Árabe Moderno Padrão* – versão mais moderna da *‘Arabiyyah*;

i) *Árabe Novo* – um meio termo entre das duas modalidades anteriores (g e h);

j) *Coiné II* – língua comum de origem desconhecida usada pelos exércitos árabes durante a expansão;

k) *Coiné III* – língua comum do comércio que era usada, durante a época pré-islâmica, nos grandes centros comerciais pelas caravanas mercadoras que atravessavam o deserto. Possivelmente muito influenciado pelo dialeto nabateu, conhecido em Meca.

Isso posto, resumiremos as teorias escolhidas como ponto de partida para a questão da diglossia:

a) Corriente – acredita que havia dois dialetos falados na época pré-islâmica, ambos diferentes da modalidade *poética* (Coiné I), mas que junto com ela constituíam o que ele chama de *Árabe Antigo*. Os dois dialetos falados e a modalidade poética não eram uniformes e, por isso, não podem ser chamados de *Árabe Clássico*, que só foi sistematizado no início da Época Abácida (meados do século VIII)³;

b) Versteegh – acredita que o *Árabe Antigo* e o *Poético* (Coiné I) eram uma coisa só, e que qualquer variação que possa ter existido não seria nada diferente do que ocorre com todas as línguas naturais. Para defender sua tese, utiliza, como

⁽³⁾ Corriente, F. (1976).

evidência, as primeiras gramáticas do árabe, que teriam sido elaboradas com base em ambas as modalidades⁴;

c) Zwettler – para esse estudioso, a Coiné I não passava de uma linguagem ritualizada comparável ao grego de Homero; argumenta com base em algumas de suas características: a preservação das formas arcaicas e o formalismo na construção dos períodos, além da abundante sinonímia, possivelmente proveniente de vários dialetos. Segundo Zwettler, não se pode considerar essa modalidade um estágio de língua único ou um único dialeto⁵;

d) Ferguson – propõe que a diglossia era muito desenvolvida já no tempo da conquista, mas que houve com ela um nivelamento das várias formas e o surgimento de uma nova Coiné II, que teria sido usada pelos exércitos em comunicação inter-tribal ou com não-árabes, e que todos os dialetos contemporâneos que se desenvolveram fora da Península Arábica são descendentes desta Coiné II e não da *al-^carabiyyah* ou da Coiné I. Assim, para Ferguson, todos os dialetos hoje existentes fora da Península Arábica devem ter tido uma única fonte de formação⁶;

e) Ziadeh – acredita na existência de vários dialetos e usa como evidência a multiplicidade de formas de plural para o mesmo singular. O fato, segundo ele, mostra o cruzamento, já desde aquele tempo, que ocorria entre os dialetos pré-islâmicos. Ziadeh chega até mesmo a supor que os poetas costumavam inventar formas ajustáveis a suas rimas e métricas, justificando-se com a alegação de que tais termos pertenciam a este ou àquele dialeto.⁷ Desse ponto de vista, Ziadeh e Zwettler estão de acordo no que diz respeito ao fato de a modalidade poética ter sido uma língua artificial, insistindo

⁽⁴⁾ Versteegh, K. (1984).

⁽⁵⁾ Zwettler, M. (1978).

⁽⁶⁾ Ferguson, Ch. (1959).

⁽⁷⁾ Ziadeh, F. (1986).

em argumentar que o fato de os poemas serem compostos e declamados por meio dessa modalidade não prova que esta era a língua nativa dos poetas.

Há outros estudiosos que aventam a existência de uma Coiné III, consistindo em uma modalidade falada e fortemente influenciada pelo árabe nabateu usado em comunicações inter-tribais, em caravanas comerciais formadas de várias tribos ou em comunicações com não-árabes ou com árabes de fora da Península Arábica. Um dos defensores dessa Coiné é Codora (1970), que postula ter tal modalidade se transformado até em *pidgin*⁸. De qualquer forma, se essa Coiné efetivamente existiu, teria ela exercido um importante papel na formação da Coiné II, de Ferguson.

Seja como for, todas as teorias e hipóteses anteriores que tentam desenhar um panorama da história da língua árabe não exprimem dúvidas sobre a existência de diferentes dialetos árabes antes do Islão; a discordância situa-se no grau dessa diferença e do parentesco com a forma poética. Outro ponto controverso é se os dialetos modernos (Árabe Novo Falado) seriam descendentes diretos daqueles ou não, como acredita a maioria dos pesquisadores ocidentais⁹. Todos partiram de questões decorrentes de outra: a língua que rotulamos como poética era ou não a língua do dia-a-dia? Existia diglossia já antes do Islão, ou apenas variantes da mesma língua? O árabe pós-conquista desenvolveu-se porque as populações conquistadas não conseguiam aprender a língua poética, ou essas populações aprenderam as modalidades faladas pelos exércitos? Os dialetos de hoje são provenientes dos dialetos antigos?

⁽⁸⁾ Língua ou variedade dialetal adotada na comunicação entre indivíduos de línguas e dialetos diferentes.

⁽⁹⁾ Não se mencionou aqui a visão dos gramáticos árabes, os quais, em sua maioria, insistem na idéia que o *Árabe Clássico*, sistematizado no séc. VIII, é uma versão do *Árabe Poético*, que já era de grande difusão, representado pelo dialeto de *Quraych*, tribo da qual descende o profeta e pela qual foi revelado o Alcorão. Consideram também que os dialetos de hoje são descendentes diretos dos dialetos pré-islâmicos.

Encontrar respostas plausíveis para todas essas perguntas não é tarefa fácil, ainda que nosso intuito não ultrapasse a contextualização do problema, e não a elaboração uma discussão profunda e detalhada das teorias e hipóteses. E, embora a maioria das respostas fique no campo da especulação, é possível destacar, a título de ilustração, algumas evidências indiretas para defender um ou outro ponto de vista; talvez tal procedimento possa lançar algumas luzes sobre o tabuleiro de um quebra-cabeças ao qual faltam muitas peças. Um desses exemplos, que vai ao encontro da tese de que todos os dialetos atuais (Árabe Novo Falado) devem ter tido uma mesma fonte (talvez a Coiné II, de Ferguson), é a forma de negação verbal e nominal¹⁰. Em todos os dialetos não-peninsulares, por mais diversos que sejam e por mais separadas que tenham sido suas linhas de evolução, apresentam-se as mesmas formas de negação verbal, que consiste em prefixar a raiz verbal com {*ma-*} e sufixá-la com (-*ch*); assim, a forma ‘não estudou’, por exemplo, seria nesses dialetos **madarasch**. A negação nominal é feita antecedendo o nome por {*mich*} ou {*much*}; assim, “não é grande” seria *mich/much kabír*.

Se se aceitar esse exemplo como uma evidência de que tais dialetos tiveram a mesma fonte, admitir-se-á a existência de uma Coiné II, que é diferente da *Língua Poética* e também do *Árabe Clássico*, e que deve ter se formado em paralelo a essa coiné em alguma época próxima ao advento do islão. De outro lado, não convence a assertiva de que os dialetos se formaram do *Árabe Antigo*, e que este seria o igual ao *Árabe* do Alcorão, ou que o *Árabe Novo Falado* é descendente direto das variantes pré-islâmicas do *Árabe Antigo*, como propunha Versteegh. Os argumentos usados por Ferguson (1989) parecem mais razoáveis e vão contra essa idéia, como se pôde verificar acima. Um desses argumentos é o *dual*¹¹, que se

⁽¹⁰⁾ Este exemplo é comumente usado por quem defende a fonte única dos dialetos não peninsulares.

⁽¹¹⁾ Categoria de número existente em árabe, além do singular e plural; este último começa de três em diante.

manifesta nos dialetos modernos somente no substantivo. Isso é muito diferente do *Árabe Antigo* e do *Árabe Padrão Moderno*, que aplicam o dual também aos verbos, pronomes e adjetivos, os quais se combinam, por seu turno, em uma categoria diferente do plural. Nos dialetos, o substantivo dual concorda com o plural, isto é, o adjetivo de um substantivo dual tem a forma do plural. Além disso, o *Árabe Antigo* e o *Árabe Moderno Padrão* tratam os substantivos plurais que não dizem respeito ao homem e suas atividades como feminino singular. Nos dialetos, isso não ocorre, verbos, pronomes, substantivos e adjetivos concordam no plural. Fica difícil aceitar tanta coincidência, qual seja, a de que esse traço em particular tenha-se desenvolvido independentemente em várias localidades ao mesmo tempo; na realidade, isso reforça a hipótese de Ferguson: esses dialetos tiveram uma fonte comum diferente do *Poético*, e não de várias fontes, como propunha Versteegh.

Como quer que seja, não nos parece ser conveniente, nessa sumária descrição das teorias e hipóteses formuladas a respeito da trajetória histórica da língua árabe, optar por uma única teoria, pois elas não devem ser vistas como excludentes. Por exemplo: discordar de um dos aspectos da teoria de Versteegh não exclui a coerência de suas várias de suas hipóteses quanto à pidginação, crioulização¹² e depois a descrioulização gradativa da língua falada: isso combina perfeitamente com a Coiné II de Ferguson.

Há ainda outro tópico importante característico do *Árabe* que merece ser citado: *al-Frâb*¹³. Os pesquisadores apostam que, quando se chegar a um consenso sobre a época e as condições em que esse fenômeno ocorreu, muito poderá ser

⁽¹²⁾ Processo de deformação ou simplificação violenta de uma língua de cultura. Línguas consideradas crioulas, embora possam ter outras bases gramaticais, sempre têm como língua base um substrato comum.

⁽¹³⁾ É o termo árabe para a declinação nominal, que nesta língua marca os casos do nominativo, acusativo e genitivo pela sufixação de *-un*, *-an* e *in*, respectivamente.

esclarecido e luzes serão lançados sobre algumas áreas obscuras nas tentativas de reconstituição das várias fases da língua árabe. Imagina-se que esse tópico, em especial, é de grande relevância, uma vez que se faz presente no *Poético* e no *Árabe* (*al-^carabiyyah*), mas não nos dialetos modernos.

Após tantos desvios inevitáveis, voltemos à questão da diglossia, a fim de questionar se de fato esse termo, tal como foi concebido por Ferguson, cabe ou não à situação atual da língua árabe. Pelo exposto acima, tudo indica que vários dialetos ou variantes já existiam na época anterior à sistematização das normas gramaticais, mas não se pode afirmar com certeza que um deles que já ocupasse o posto de língua “elevada” – em outras palavras: não se pode afirmar que existisse uma forma lingüística dominante; nem mesmo o dialeto de *Quraych*, que os livros de filologia árabe colocam como “dialeto-referência” para todas as outras tribos já na época que antecede o surgimento do Islão. A falta de registros escritos esclarecedores impede que se fale, com segurança, em diglossia (ao menos conforme a definição de Ferguson) na época pré-islâmica. Ademais, é improvável que tenha existido esse dialeto “mais elevado”.

Será, porém, que diglossia é termo correto para a situação atual do *Árabe*? Admitindo-se que hoje existe a forma padronizada, ora identificada como categoria “elevada”, e que existem, ao lado dessa forma, os dialetos, ora identificados como categoria “baixa”, o termo diglossia cabe perfeitamente à situação lingüística dos países árabes. Para que uma situação lingüística seja caracterizada como diglótica, é necessário que: (a) exista uma literatura antiga e prestigiada registrada pela variante “elevada” e que haja um cultura que deseje preservá-la como tal; (b) existam contextos diferenciados e bem demarcados pela comunidade para o uso de uma forma ou de outra – o que distingue a diglossia do bilingüismo; (c) a variedade considerada ‘baixa’ seja adquirida primeiro e a ‘elevada’, aprendida posteriormente na escola; (d) haja um in-

vestimento contínuo para a padronização da forma “elevada” por meio de vários procedimentos, tais como: publicar dicionários, gramáticas e textos de todos os tipos utilizando a forma “elevada” e desestimular e não prestigiar publicações na forma “baixa”. São alguns aspectos que caracterizam uma situação de diglossia, e todos eles continuam sendo constatados e operantes nos países árabes. Por isso, o termo parece-nos ainda adequado e cabível, embora se notem certos indícios que podam levar, no futuro, a uma necessidade de revisar o conceito de diglossia. Os estudiosos começam a apontar o surgimento de várias modalidades que estariam se localizando entre a forma “elevada” e a forma “baixa”. Em outras palavras, a situação lingüística, hoje, não consiste mais na existência de duas formas com suas fronteiras claramente definidas, o que leva a crer que já existam muitas modalidades lingüísticas intermediárias e por conseqüência muitas “gramáticas” intermediárias. Destarte, a divisão entre os dois códigos já não se faz tão óbvia, o que torna a situação diglótica, de certo modo, instável ou pelo menos tendente à instabilidade. Isso se deve, entre outros fatores, ao aumento do número dos indivíduos instruídos, da diminuição dos índices de analfabetismo e a difusão dos meios de comunicação. Ressalte-se que, enquanto não se estabeleçam evidências, continuaremos considerando que o termo diglossia caracteriza a situação lingüística encontrada no Mundo Árabe.

- CADORA, F. “Some Linguistic Concomitants of Contactual Factors of Urbanization”. In: *Anthropological Linguistics*, 1970, 12: 10-19.
- CORRIENTE, F. “From Old Arabic to Classical Arabic the Pre-Islamic Koin: some Notes on the Native Grammarians Sources, Attitudes and Goals”. In: *Journal of Semitic Studies*, 1976, 21: 62-98.
- FERGUSON, Ch. “Gramatical Agreement in Classical Arabic and in Modern Dialects”. In: *Structuralist Studies in Arabic Linguistics*. Organização de Belnap K. e Haeri, N. Netherlands, 1989, p. 81-92.

- _____. "The Arabic Koine". In: *Language*, 1959, 25: 616-30.
- HOURANI, A. *Uma História dos Povos Árabes*. Tradução de Santarrita, M. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- KAYE, A. "Modern Standard Arabic and the Colloquials". In: *Lingua*, 1970, 24: 374-412.
- MOSCATI, S. *et alii. Madkhal ila nahw al-lughát as-sámiyah al-muqáran* (Introdução à Gramática Comparativa das Línguas Semíticas). Tradução de Al-Makhzumi, M *et alii*. Beirute: °Álam al-Kutub, 1993.
- VERSTEEGH, K. *Pidginization and Creolization: the Case of Arabic*. Amsterdam: J.Benjamins, 1984.
- _____. "Modern Approches to the History of Arabic". In: *Progres de la linguistique dans les etats arabes*. Beirute: Dar al-°Ilm al-Islámi, 1987, p. 199-216.
- ZIADEH, F. "Prosody and the Initial Formation of Classical Arabic". Em: *JAOS* 106, 1986, 2: 333-338.
- ZWETTLER, M. "The Classical Arabiyya as the Language of an Oral Poetry". In: *The Oral Tradition of Classical Arabic Poetry: Its Character Implications*, 1978, p. 97-172.